

Entrevista

Anderson Carnin

anderson.carnin@gmail.com

Ana Maria de Mattos Guimarães

anag@unisinos.br

Joaquim Dolz

joaquim.dolz-mestre@unige.ch

Formação de professores e ensino: um diálogo com Joaquim Dolz

Teacher training and education: A dialogue with Joaquim Dolz

Entrevistado

Joaquim Dolz é professor catedrático e pesquisador em Didática de Línguas e formação de professores na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FAPSE) da Universidade de Genebra (UNIGE). Desde 1970, realiza pesquisas sobre o desenvolvimento da linguagem e ensino-aprendizagem de línguas. Entre seus estudos, os mais conhecidos no Brasil estão o trabalho sobre o ensino de línguas e da escrita, gêneros textuais, sequências didáticas e análise da atividade de ensino e dificuldades de aprendizagem. Em meio a seus numerosos artigos e livros de grande relevância, destacamos “Gêneros Orais e Escritos na Escola” (em parceria com Bernard Schneuwly, 2004) e “Produção Escrita e Dificuldades de Aprendizagem” (em coautoria com Roxane Gagnon e Fabrício Decândio, 2010), ambos publicados pela editora Mercado de Letras. É conferencista convidado para o terceiro *Congresso Linguagem e Interação*, que será realizado em junho de 2015 na Unisinos.

Entrevistadores

Anderson Carnin é doutor em Linguística Aplicada (Unisinos/Capes), com estágio de doutoramento-sanduiche em didática da escrita no Centro de Investigação “Didática e Tecnologia na Formação de Formadores” (CIDTFF) da Universidade de Aveiro/Portugal. Realiza, atualmente, pesquisa de pós-doutoramento sobre escrita, autoria e desenvolvimento profissional de professores em formação continuada (PDJ-CNPq) também na Unisinos.

Seus interesses de pesquisa estão relacionados aos seguintes temas: ensino de português como língua materna, gêneros de texto, elaboração de material didático, agir docente e formação inicial/continuada de professores.

Ana Maria de Mattos Guimarães é professora titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, e pesquisadora do CNPq. Ocupa, atualmente, o posto de Decana da *Escola de Indústria Criativa: Comunicação, Design e Linguagens*. Tem experiência nas áreas de Linguística e Linguística Aplicada, com ênfase em aquisição e desenvolvimento de linguagem e ensino-aprendizagem de língua materna. Suas pesquisas atuais estão ligadas ao uso dos gêneros textuais na aprendizagem de língua materna, à elaboração de material didático baseado no conceito de gênero textual e a análises do trabalho educacional. Tem se preocupado em analisar o agir docente em salas de aula de Língua Portuguesa, sobretudo as interações professor/alunos.

Anderson Carnin (AC) e Ana Maria de Mattos Guimarães (AG): Professor Joaquim Dolz, sabemos que suas pesquisas se voltam, principalmente, para a investigação do ensino de línguas, da produção escrita e dificuldades de aprendizagem, da didática dos textos orais e, mais recentemente, de práticas de formação de professores e análise das formas sociais do trabalho do professor, todas em uma perspectiva didática. O senhor poderia contextualizar o desenvolvimento dessas investigações e a relação delas com a sua formação e atuação profissional?

Joaquim Dolz (JD): Inicialmente, eu me interessava unicamente pelo desenvolvimento da linguagem. Mas, com o tempo, os interesses se diversificam e ficam mais complexos.

Nos anos 70, trabalhei três anos em um centro médico pedagógico de Barcelona com meninos com transtornos de linguagem e tive muitas dúvidas sobre a pertinência do meu trabalho, ainda que tivesse obtido êxitos importantes com os meninos sob a minha responsabilidade. Precisava saber mais e compreender melhor as interações que contribuem na aprendizagem.

No final dos anos 70, consegui uma bolsa de estudos na Suíça para completar os meus estudos com Hermine Sinclair e Jean-Paul Bronckart. Os dois foram muito importantes para a minha formação. Hermine Sinclair é especialista em línguas indo-iranianas e pioneira da psicolinguística genética. Ela foi a primeira pesquisadora a compreender a importância da obra de Piaget nos estudos sobre a aquisição da linguagem. Era, sobretudo, uma pesquisadora rigorosa e inteligente. Aprendi com ela a observar e a avaliar as produções orais e escritas dos meninos e a realizar experiências para compreender melhor o desenvolvimento da linguagem. Porém, foi, sobretudo, o trabalho com o professor Jean-Paul Bronckart que influenciou o meu itinerário científico.

O início dos anos 80 foi importante nos estudos sobre a aquisição da linguagem e marcou o início do Interacionismo Sociodiscursivo, com a preparação e publicação da obra “O funcionamento dos discursos”¹ e da didática das línguas. Esses anos foram decisivos na minha orientação epistemológica e nas minhas escolhas de investigação. Defendi a minha tese de doutorado, em Genebra, sobre o funcionamento dos tempos verbais em textos escritos por alunos de 10 a 14 anos. Era um trabalho sobre o desenvolvimento da língua escrita em situação escolar que analisava os obstáculos dos alunos para estabelecer a coesão verbal do texto.

Quando terminei a minha tese, participei da elaboração das primeiras sequências didáticas para alunos da escola primária com Auguste Pasquier, autor que eu aprecio especialmente e que, infelizmente, morreu em abril de 2014. Após a defesa da tese, também passei um ano na Universidade de Lille III, com Yves Reuter, trabalhando sobre as relações entre leitura e escrita.

Quando assumi o posto de professor na universidade de Genebra, contribuí com as pesquisas que permitiram a elaboração da teoria dos gêneros textuais para o ensino da escrita e da língua oral. O livro publicado no Brasil com Bernard Schneuwly (2004) é uma mostra dos trabalhos realizados. Acho que os nossos trabalhos dos anos

90 sobre o ensino da linguagem oral são particularmente inovadores.

O meu interesse nunca foi unicamente pelas línguas importantes (como o francês, inglês, espanhol ou português), as minhas pesquisas sempre deram grande importância aos fatores contextuais que determinam o uso da linguagem. O estatuto das línguas minoritárias e minoradas, como o catalão e o euskera na Espanha, ou as línguas ameríndias no Brasil, me interessam particularmente. Faço parte de um movimento que chamamos de “sociodidática das línguas”, o qual analisa a influência das situações sociolinguísticas no ensino e aprendizagem.

Depois de muitos anos de pesquisas sobre o ensino e aprendizagem das línguas, no plural, as minhas pesquisas atuais tomam quatro direções.

A primeira está dirigida a estudar as práticas dos professores de língua. São os trabalhos realizados com a equipe GRAFE (Grupo de Pesquisa sobre o Francês Ensinado) codirigido com Bernard Schneuwly. Os objetos ensinados, as atividades de ensino, as interações verbais e didáticas com os alunos e os gestos profissionais do professor são estudados a partir das transcrições das práticas efetivadas em aula. A obra “Des objets enseignés”, em coautoria com Bernard Schneuwly (2010), marcou o ápice dos nossos trabalhos.

A segunda série de pesquisas se dirige às dificuldades de aprendizagem dos alunos. O livro “Produção escrita e dificuldades de aprendizagem”, publicado no Brasil pela editora Mercado das Letras, com a participação de Roxane Gagnon e Fabrício Decândio (2010), é um exemplo do trabalho proposto. Uma pesquisa atual segue com o objetivo de analisar os gestos dos professores nas interações com alunos em dificuldade de aprendizagem.

O terceiro grupo de pesquisas aborda as práticas de formação dos professores. Eu estou particularmente contente com o livro que estou coordenando atualmente com Roxane Gagnon, o qual apresenta os trabalhos realizados nos últimos cinco anos.

Finalmente, eu continuo trabalhando sobre o plurilinguismo na escola. Na Europa, os movimentos migratórios são muito importantes. As línguas presentes numa cidade como Genebra são diversas. O contato entre as línguas e o bilinguismo dos alunos é muito frequente. Nós precisamos saber mais sobre o ensino plurilíngue, as aulas de inserção dos alunos de outras línguas e as possibilidades de um ensino que integre o plurilinguismo.

AC e AG: Em termos de filiação disciplinar a um campo do conhecimento, na estrutura universitária genebrina, seus trabalhos de situam no âmbito da

¹ NE: O professor Joaquim Dolz faz referência à obra seminal de Jean-Paul Bronckart, que inaugura a corrente teórica do Interacionismo Sociodiscursivo. Trata-se do livro: *Le fonctionnement des discours. Un modèle psychologique et une méthode d'analyse* (Bronckart e Bain, 1985) que não tem tradução em português.

Didática das Línguas, notadamente, da Didática do Francês. Nesse sentido, gostaríamos de saber: como o senhor vê os estudos em Linguística Aplicada (especialmente ao ensino de línguas) no Brasil? Quais são os “pontos de contato” com a Didática de Línguas? Em sua opinião, há especificidades em cada área?

JD: O meu itinerário pessoal foi sempre interdisciplinar. Comecei estudando Ciências da Educação em Barcelona. Fiz uma especialização em Psicolinguística e em Didática das Línguas em Genebra. A minha formação em Linguística e em Linguística do Discurso marcou o meu trabalho. Acho que todo pesquisador em Ciências Humanas, assim como quem trabalha sobre o desenvolvimento da linguagem particularmente, precisa de uma formação interdisciplinar.

Os meus trabalhos se situam no âmbito da Didática das Línguas porque se dirigem a estudar e compreender os fenômenos de ensino e de aprendizagem das línguas na escola. Não se trata de uma simples aplicação da Linguística no âmbito escolar ou do desenvolvimento da linguagem na escola. Trata-se de uma nova disciplina acadêmica que estuda os fenômenos de ensino e aprendizagem das línguas na escola. Mas eu não sou nominalista, o nome não faz a diferença. A Linguística Aplicada a situações escolares que vocês praticam no Brasil é muito próxima da Didática das Línguas na nossa tradição acadêmica. É certo que eu sou crítico com o aplicacionismo. Acho que nós temos que definir claramente os fenômenos que são objeto dos nossos trabalhos e os métodos de pesquisa. Temos que ter conhecimentos sólidos em Linguística e em Linguística do Discurso. Também temos que ter conhecimentos sólidos de Psicologia da Linguagem e de Sociolinguística. No entanto, quando estudamos o desenvolvimento da linguagem nas aulas, a perspectiva é didática e a especificidade do objeto de pesquisa exige e supera a análise linguística. As interações linguísticas nas situações didáticas merecem o desenvolvimento de uma área de conhecimento e de estudos particulares.

A perspectiva epistemológica de uma parcela da Linguística Aplicada no Brasil faz parte do mesmo movimento que a Didática das Línguas. Nós fazemos parte do mesmo movimento e da mesma tradição: o Interacionismo Sociodiscursivo. As referências teóricas e linguísticas são compartilhadas. Talvez nós tenhamos outras referências compartilhadas com a Psicologia da Linguagem e com as didáticas das disciplinas distintas. As instituições nos instituem. A nossa inserção na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação é mais que uma simples inserção e contribuí com a especificidade da área didática.

AC e AG: Considerando os investimentos de pesquisa que podem ainda ser feitos, quais áreas ou campos de pesquisa no âmbito da Didática das Línguas o senhor acredita que sejam mais produtivos e possam impactar o ensino e a formação de professores no Brasil, especialmente?

JD: O meu interesse pela pesquisa sempre foi duplo. Por uma parte, os nossos trabalhos respondem a necessidades sociais evidentes. As pesquisas sobre letramento e sobre o ensino da escrita, como também as pesquisas sobre a formação dos professores, respondem a uma necessidade social e têm uma finalidade pragmática. Para o Brasil, com mais intensidade ainda que para a Suíça e outros países desenvolvidos, a educação é um fator essencial do desenvolvimento. Melhorar os dispositivos de ensino, desenvolver as competências profissionais dos professores, a formação docente são temas muito importantes. Temos que encontrar novos caminhos para os grandes desafios atuais. Por outro lado, nós precisamos saber mais da nossa área de conhecimento. As pesquisas qualitativas buscam avançar no conhecimento dos fenômenos de ensino das línguas e da formação docente: é necessário esclarecer progressivamente os pontos obscuros de estudos anteriores.

As primeiras pesquisas em Didática das Línguas foram de engenharia didática: construção de dispositivos didáticos como as famosas sequências didáticas sobre o oral e a escrita. Nos últimos dez anos, realizamos muitas pesquisas para saber mais sobre o funcionamento das aulas, as atividades docentes e as práticas de formação docente.

O meu interesse pelo Brasil é grande porque considero um país com problemas graves na educação, na democratização do letramento e na formação dos professores. Anna Rachel Machado me permitiu participar na Olimpíada de Língua Portuguesa desde o início e através dos trabalhos em colaboração com o CENPEC e a Fundação Itaú penso compreender melhor as necessidades de um país muito diverso, que vive carências e situações de desigualdade extremas e que precisa continuar o esforço coletivo empreendido nos últimos anos para transformar a educação. A minha participação na formação acadêmica (diversos cursos de doutorado em diferentes universidades, movimento do Interacionismo Sociodiscursivo e orientação de teses no Brasil e na Suíça) me permitiu entrever a interação que se pode criar entre as pesquisas básicas e as práticas. Acho que o Brasil precisa se repaginar em alguns aspectos fundamentais do ensino de línguas e da formação docente.

Considero muito positivo o esforço de profissionalização do professorado, mas acho que as carências são ainda muito maiores, a formação poderia ser melhor e a valorização profissional também.

AC e AG: No âmbito das contribuições de suas pesquisas para a área da Didática das Línguas, uma das mais conhecidas no Brasil certamente foi o dispositivo de ensino chamado de “sequências didáticas” (Dolz *et al.*, 2004). Pautado no conceito de gênero de texto, esse dispositivo ainda hoje é tema de pesquisa e debate em nosso país. Sobre isso, o senhor poderia reafirmar quais são os pilares dessa proposta e em que medida eles se alinham com a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo a que o senhor se filia?

JD: Rapidamente, enfatizo que, numa perspectiva comunicativa, os gêneros textuais constituem a principal unidade de trabalho na aula. Nós não nos comunicamos com palavras isoladas ou com frases descontextualizadas. Os intercâmbios comunicativos são discursivos. As representações sociais sobre os textos são genéricas. Nós identificamos um texto como uma crônica jornalística, um conto de fadas, uma carta argumentativa, um debate regrado televisivo ou uma quadra poética de cordel. Uma didática da língua centrada nos gêneros textuais tem várias vantagens: motiva e dá sentido ao trabalho escolar dos alunos (eles sabem do que falamos e o porquê vale a pena aprender), contribui para resolver o problema da diversidade do funcionamento discursivo, pode integrar as diferentes componentes genéricas e as demais aprendizagens linguísticas na unidade texto.

Os pilares da proposta se alinham à teoria do Interaçãoismo Sociodiscursivo em diferentes níveis. Em primeiro lugar, tomam-se em conta os contextos da comunicação e as situações de interação nas quais se produz o texto. Busca-se uma adaptação do aluno à situação de comunicação (quando ele aprende a participar em um debate radiofônico, por exemplo, ele aprende a desempenhar um papel social e a defender um ponto de vista frente a um opositor a fim de convencer um público determinado). Em segundo lugar, os conteúdos temáticos são característicos do gênero e não se trabalham separadamente das formas linguísticas. Em terceiro lugar, a construção da estrutura do discurso se faz levando em consideração os componentes genéricos. A originalidade e a singularidade do texto é uma construção que leva em consideração as convenções e as regularidades do gênero. Participar em um debate supõe conhecer as convenções sociais do gênero, respeitar os turnos de fala entre os interlocutores, responder às questões como eu estou respondendo às questões desta entrevista, seguir a ordem dos conteúdos temáticos, etc. A originalidade, a criatividade e a singularidade são valores que se articulam com as dimensões genéricas. Enfim, a textualidade escrita (e oralidade no caso dos gêneros orais) tem especificidades para cada gênero, muito importantes para a organização do ensino. Você não vai abordar as mesmas unidades linguísticas do português se trabalha na aula um debate argumentativo oral ou uma fábula. A coerência do planejamento didático com a perspectiva sociointeracionista é bastante grande. O gênero de texto, para Bernard Schneuwly, é uma ferramenta semiótica que facilita o ensino e a aprendizagem da língua.

AC e AG: Ainda sobre o trabalho de 2004: passados dez anos da publicação de “Gêneros Orais e Escritos na Escola” (Schneuwly e Dolz, 2004) no Brasil, houve alguma modificação no seu pensamento acerca do ensino de línguas pautado no conceito de gênero de texto e sequências didáticas? Algum acréscimo a se fazer ao pensamento registrado naquela obra? Quais as novidades no percurso deste trabalho que suas pesquisas atuais podem demonstrar sobre esse tema?

JD: Agora estou escrevendo vários artigos novos sobre o tema, mas os princípios são os mesmos. O acréscimo se refere aos modelos didáticos dos gêneros que ainda não estavam desenvolvidos naqueles anos. O progresso foi importante no estudo dos gêneros orais (tese de Roxane Gagnon), na elaboração de novas sequências didáticas para a leitura e o ensino da literatura, no estudo das práticas dos professores com sequências didáticas (várias teses importantes, como as teses de Martine Wirthner, Sandrine Aeby Daghé, Luciana Almeida Graça ou Carla Messias da Silva) e sobre as potencialidades do ensino por gêneros para alunos com dificuldades de aprendizagem. Os trabalhos da equipe da Unisinos, liderada por Ana Maria de Mattos Guimarães; os da professora Elvira Lopes Nascimento, na Universidade de Londrina e os trabalhos da professora Luísa Álvares Pereira, da Universidade de Aveiro, em Portugal, são um exemplo da continuidade dos nossos trabalhos em outras equipes de pesquisa.

AC e AG: A pesquisa em linguagem e ensino avançou muito nestes últimos dez anos, a ponto de pesquisadoras brasileiras, como Guimarães e Kersch (2012, 2014) – ou mesmo portuguesas, como Pereira e Cardoso (2013) – proporem adaptações ao modelo do dispositivo “sequência didática”, levando em consideração as demandas da realidade educacional de seus respectivos países. Como o senhor vê essa adaptação do conceito, realizada por outros pesquisadores?

JD: O modelo de ensino das sequências didáticas é um modelo modular e aberto. A adaptação aos contextos sociais e educativos diversos é uma necessidade. Os gêneros textuais não funcionam de maneira idêntica em francês e em português. Um trabalho importante de modelização dos gêneros na Língua Portuguesa é indispensável. A pertinência das unidades linguísticas e das regularidades genéricas não é a mesma. Os contextos e as condições de trabalho dos professores são diferentes. Mas, sobretudo, temos que buscar dispositivos didáticos eficazes e as sequências da primeira geração tinham defeitos que podem ser superados. Eu estou muito feliz de ver como as sequências se diversificaram. Não existe somente um estilo de aprendizagem e a diversidade das atividades escolares é importante para multiplicar as chances dos alunos.

AC e AG: Um dos pilares para a produção de sequências didáticas é a construção de *modelos didáticos de gênero*. Investigações realizadas por nosso grupo de pesquisa (Guimarães e Kersch, 2012, 2014), no contexto de formação continuada de professores, revelam a atualidade desse conceito ao mesmo tempo em que descortinam dificuldades dos professores em realizarem a produção desses *modelos didáticos*. Assim, gostaríamos de saber: em sua opinião, quais saberes são imprescindíveis à formação do professor para que ele seja capaz de produzir de um modelo didático de gênero (e, posteriormente, um dispositivo de ensino)?

JD: Um modelo didático reúne as características do gênero que podem ser ensinadas. Se você pensa em formas poéticas como o cordel, você pode estabelecer as características do cordel que podem ser trabalhadas na escola. A partir do modelo didático do gênero você pode elaborar sequências didáticas diversas para meninos da escola primária ou para alunos de escola secundária. Pedir aos professores (em formação inicial ou continuada) que elaborem modelos didáticos dos gêneros é ambicioso. Na nossa formação, nós somos menos ambiciosos, os professores têm que conhecer o gênero e o modelo didático. Portanto, o mais importante é a elaboração do dispositivo de ensino (a planificação de uma sequência didática) e o acompanhamento do futuro professor nas práticas formativas na escola. Acho que a alternância entre o trabalho de preparação do dispositivo na universidade e posto em prática, acompanhado pelo formador de professores e o retorno reflexivo é muito importante. Teoria, engenharia didática, práticas profissionais acompanhadas por professores com experiência e retorno reflexivo na universidade são pilares de nosso processo de formação de professores.

AC e AG: Isso nos leva a outro ponto: em que e em quais condições a análise do trabalho do professor, como em seu mais recente projeto de pesquisa, podem contribuir para práticas de formação docente? Fale-nos acerca dos resultados de pesquisa já obtidos (publicados em *Des objets enseignés en classe de français*, em parceria com Bernard Schneuwly (2010, ainda sem tradução no Brasil).

JD: O material da nossa pesquisa (as práticas dos professores gravadas em vídeo, transcritas e analisadas) é um material que nós utilizamos nos cursos de formação dos professores. A metodologia de análise dos objetos de ensino, sinopses, é utilizada também para a análise das práticas dos professores.

A nossa pesquisa foi importante, do ponto de vista metodológico, para identificar os objetos de ensino e para contrastar as práticas dos professores no ensino gramatical e o ensino da escrita. Acho que nós conseguimos realizar uma caracterização da atividade didática do professor de língua e das atividades escolares e tarefas que ele realiza com os alunos. As práticas efetivas são uma combinação complexa entre técnicas sedimentadas das práticas escolares tradicionais e de inovações recentes. O professor se adapta às condições da escola e à sua percepção das necessidades do aluno, fazendo uma “bricolagem”. O mais importante foi estabelecer alguns dos princípios que caracterizam o trabalho do professor e, sobretudo, os gestos profissionais: como os professores apresentam os objetos de ensino, como estabelecem uma atividade de ensino, como mobilizam a memória didática, como regulam as aprendizagens em caso de obstáculos e como institucionalizam os novos saberes gramaticais e sobre a escrita.

AC e AG: O que podemos esperar de sua conferência no terceiro *Congresso Linguagem e Interação*?

JD: Hoje, 8 de março, dia da mulher, mas três meses antes do evento, ainda não preparei a minha conferência. Se falo de gênero não falarei do gênero social, mas do gênero textual (risada). Gostaria falar de três temas que ainda não sei como articular: a tensão entre o ensino centrado nas dimensões convencionais do gênero ou levando a focar na singularidade de um texto; os principais obstáculos de aprendizagem dos alunos; e uma reflexão sobre as atividades e os exercícios escolares do ponto de vista vigotskiano. Também gostaria de poder falar em uma das minhas intervenções sobre os resultados da minha pesquisa sobre a formação dos professores.

Referências

- BRONCKART, J.-P.; BAIN, D. 1985. *Le fonctionnement des discours. Un modèle psychologique et une méthode d'analyse*. Paris, Delachaux & Niestlé, 175 p.
- DOLZ, J.; GAGNON, R.; DECÂNDIO, F. 2010. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas, Mercado de Letras, 110 p.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. 2004. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: B. SCHNEUWLY; J. DOLZ, *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Campinas, Mercado de Letras, p. 95-128.
- GUIMARÃES, A.M.M.; KERSCH, D.F. 2012. A caminho da construção de projetos didáticos de gênero. In: A.M.M. GUIMARÃES; D.F. KERSCH (orgs.), *Caminhos da Construção: projetos didáticos de gêneros na sala de aula de língua portuguesa*. Campinas, Mercado de Letras, p. 21-44.
- GUIMARÃES, A.M.M.; KERSCH, D.F. 2014. Explorando os projetos didáticos de gênero como um caminho metodológico. In: A.M.M. GUIMARÃES; D.F. KERSCH (orgs.), *Caminhos da Construção: projetos didáticos de gênero no domínio do argumentar*. Campinas, Mercado de Letras, p. 17-38.
- PEREIRA, L.Á.; CARDOSO, I. 2013. A sequência de ensino como dispositivo didático para a aprendizagem da escrita num contexto de formação de professores. In: L.Á. PEREIRA; I. CARDOSO (coord.), *Reflexão sobre a escrita: o ensino de diferentes gêneros de textos*. Aveiro, Universidade de Aveiro Editora, p. 33-66.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. 2010. *Des objets enseignés en classe de français*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 456 p.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. 2004. *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Campinas, Mercado de Letras, 240 p.

Anderson Carnin

Universidade do Vale do Rio dos Sinos/CNPq
Av. Unisinos, 950, Cristo Rei
93022-000, São Leopoldo, RS

Ana Maria de Mattos Guimarães

Universidade do Vale do Rio dos Sinos/CNPq
Av. Unisinos, 950, Cristo Rei
93022-000, São Leopoldo, RS

Joaquim Dolz

Université de Genève
Faculté de Psychologie et des Sciences de l'éducation
FPSE - 40, boulevard du Pont-d'Arve
1211 Genève 4, Suisse